



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

6-SETEMBRO-1947

Director: Guilherme P. da Rosa
Ed tor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 993

Zézé Fonseca

famosa
rádio-actriz
brasileira
virá em breve
a Portugal!

ZÉZÉ Fonseca, a ma's famosa rádio-actriz do Brasil, vai abandonar definitivamente a rádio, que lhe deu fama e fortuna, para se dedicar exclusivamente ao teatro. Mas Zézé Fonseca não iniciará a sua carreira de actriz teatral no Brasil. Muito em breve ela estará em Lisboa, para aqui se integrar na arte de Talma e fazer teatro visível, farta já disso, a que no país irmão chamam o «teatro cego».



Zézé, através dos microfones, provou ser uma excelente artista de declamação. A sua criação na peça radiofónica «Penumbras» fica para todo o sempre como um excepcional momento de arte proporcionada por uma mulher que não é apenas bonita, mas sim, e sobretudo, um prodígio de sensibilidade e de beleza.

Vem aí Zézé Fonseca, um maravilhoso tufo da beleza carioca, que surgirá nos nossos palcos como uma mensagem viva da arte brasileira...

Kalendário

O centenário de David Copperfield

★ Por CONSIGLIERI SA PEREIRA ★

CONHECERA a Inglaterra, no século de setecentos, com Daniel Defoë, e o seu eterno Robinson Crusóe, a luta do homem triunfando da Natureza através de tudo. Mas no irromper do século XIX, em 1812, quem diria que, entre os oito filhos de John Dickens, empregado da capitania de Portsmouth, um deles, o mais débil e o mais doente, havia de triunfar da cerradíssima sociedade britânica e impor-se, mesmo nos nossos dias, ao mundo inteiro?

E agora, de 1947 a 1948, que decorre o primeiro centenário da sua obra mestra: «David Copperfield». Neste livro predomina a nota auto-biográfica, embora o pudor de quem o escrevia impossibilitasse excessivas explicações. Tornou-se, porém, Copperfield o idolo da juventude inglesa, e, há anos, porque era preciso preparar o espírito desse povo excepcional para novas provações, o vibrante e falante celuloide de uma longa fita percorreu em meio de perduráveis ovações o mundo inteiro. Assim apresentou a Grã-Bretanha o seu cartel de guerra a todos que lhe invejavam o poderio e houve sobre a terra incandescente o fragor da recente e horrisona tempestade.

Seria néscia em nós a insustentável posição de crítico de última hora. Menos ainda aceitamos a de expositores desluzidos desse David, que, após haver acompanhado a nossa mocidade, serve no entanto a situação intermédia de explicarmos ao nosso público de que maneira pode Carlos Dickens realizar tantas e tão colossais obras paralelas a uma fama jornalística não menos copiosa, brilhante e variada. Não sabem, pois, quem foi a sua jada inspiradora, o seu fiel registo de emoções, o instrumento de tantos milhares de páginas? A taquígrafia. E é em «David Copperfield» que ele nos explica, através desse protagonista da sua muito particular afeição, os sofrimentos da dura aprendizagem para o lugar de redactor-estenoógrafo da Câmara dos Comuns, os primeiros fiascos e o triunfo final! Oh! Que alegria a desse homem no primeiro dia em que, depois de quase ter enlouquecido na rabiscadela sistemática dos circuitos fono-fixadores dos discursos pronunciados na Câmara dos Comuns, lhe foi possível dar corpo, forma, vida a esse sistema — único nesse tempo para aqueles que, como ele na Inglaterra e Balzac na França, criavam a literatura crítica e descreviam dos usos e costumes.

Pois, apoiado no seu lapis de taquígrafo, chegou David Copperfield ao seu primeiro centenário de publicado. O moço e virtuoso herói de Dickens encontra-se, talvez, um pouco coberto de pó; mas não está desgastado como agente da permanente renovação que é o complexo Inglaterra-Imperio.

Tenho relido essa obra, que, entre nós, não se publica desde 1909 — e agora esta totalmente espedaçada. Aguardaremos que o nosso herói case e dê lá do alto, o grito da sua própria reviviscência quando se forme o consórcio de editoriais que levante esses velhos clamores de cultura, bem diferentes da trivialidade reinante ou da novela policial enigmática.

David Copperfield vai ganhar os primeiros re'ins. Eis o essencial, já que quase o desfaleceu a luta com a vida.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Terá chegado, na verdade,



Oscarito, Emilinha Borba e Catalano numa cena da nova produção, «Este Mundo é um pandeiro»

DEPOIS de muitos anos de trabalhos incansáveis, de tempo desperdiçado e de fracassos reumbantes, o cinema brasileiro teve, de súbito, um verdadeiro impulso e um radioso sucesso.

E esse impulso — que veio abrir uma nova era à produção cinematográfica brasileira — deve-se a Watson Macedo que dirigiu, com grande acerto técnico e artístico, «Este Mundo é um pandeiro».

Antes, haviam-se registado apenas dois êxitos, mas que ficaram muito àquem deste: «Fantasma por acaso» e «Vidas solidárias». Mas o sucesso de «Este Mundo é um pandeiro» foi o maior de todos, aquele que bateu o recorde de bilheteira para filmes brasileiros, e que permaneceu cinco semanas em cartaz, facto que nunca tinha sido possível assinalar com qualquer outro filme nacional, produzido anteriormente.

A «Atlântida» juntou artistas dos melhores, quer do teatro, quer da rádio, e ainda os poucos que havia para o género no cinema, e confiou a direcção do filme a Watson Macedo. Assim nasceu o primeiro filme musical brasileiro, que se pode considerar uma magnífica produção.

Marion a célebre vedeta da «Rádio Nacional», do Rio de Janeiro; a bailarina Carmen Brown, Emilinha Borba, Ciro Monteiro, um excelente cantor de sambas; Oscarito, Alvarenga e Ranchinho, dois excelentes cómicos; Oracina Correia, Catalano, Olga Lator e outros artistas, formam o elenco que deu alma a esta película, cheia

de música e alegria, que a crítica — a severa crítica carioca — aplaudiu de braço dado com o público.

o momento
de melhor produção
cinematográfica
nacional?

Agora, e finalmente, segundo notícias recebidas, muito recentemente do Rio de Janeiro, sabemos que o cinema do país irmão está numa fase de grande actividade e num ritmo de produção muito importante. Todos os assuntos que servem de base a essas produções são, em regra geral, assuntos sérios. Dizem, ainda, as mesmas notícias, que outra produção e outro grande êxito assinalado do cinema brasileiro é a película «Uma aventura aos quarenta». Pouco, sobre ela, ainda conhecemos, no entanto. Não importa. Basta, por ora, que se assinale, em presença de «Este Mundo é um pandeiro» — um filme que talvez venha, em breve, a ser apresentado ao público português — o gigante passo em frente que os estúdios brasileiros acabam de dar. Que o mais — virá com o tempo...



Os amôres de Joanna God den

A «Eagle-Lion» vai em breve apresentar, ao público cinéfilo de todo o Mundo, uma nova produção: «Os amôres de Joanna Godden», cujos principais papéis são interpretados por Gooogie Withers e John Mc Callum, que oferecemos aos nossos leitores, num momento desse mesmo filme.

A MEDIDA DA FELICIDADE

SÓLON, tendo ido a Sardes, a pedido de Creso, fez, pouco mais ou menos, como aquele homem que, tendo nascido no continente, a primeira vez que foi ver o mar supunha vê-lo em cada ribeira que encontrava no caminho; assim, também, Sólon, quando atravessava os salões do palácio, viu uma multidão de senhores magnificamente vestidos, que caminhavam com ostentação, rodeados de pagens e cortesãos e tomou-os a todos por Creso. Finalmente, chegou à presença deste príncipe, que, para melhor se mostrar em toda a sua majestade, se adornou, nesse dia, com tudo quanto tinha de mais precioso e de mais aprimorado em pedras preciosas, em tecidos de diversas cores, bordadas a ouro, onde a perfeição do trabalho rivalizava com a riqueza da matéria.

Apresentando-se diante de Creso, contra a expectativa deste príncipe, Sólon não fez nem disse nada que mostrasse surpresa e admiração; fez saber, até, às pessoas sensatas, que desprezava todo este aparato de vaidade como sintoma de um espirito fraco. Creso mandou mostrar-lhe os seus tesouros, ostentar aos olhos dele toda a riqueza e magnificência dos seus móveis, mas Sólon não precisava disso para julgar Creso: bastava vê-lo.

Depois de ter visto tudo e de o terem reconduzido à presença de Creso, este príncipe perguntou-lhe se conhecia alguém mais feliz do que ele.

— Sim — respondeu-lhe Sólon — um simples cidadão de Atenas, chamado Telo, que, tendo tido sempre uma conduta irrepreensível, deixou filhos que são estimados por toda a gente e, depois de ter passado toda a vida ao abrigo de necessidades, morreu gloriosamente, combatendo pela sua pátria.

Creso tomou-o por um homem insolente e estúpido, que, em vez de medir a felicidade pela quantidade de ouro e de prata que se tinha, preferia a vida e a morte de um simples particular a tão grande poder e a tão vasto império...

PLUTARCO

Maria Dorotea



Após uma brilhante tournée por Espanha, vai cantar e trabalhar no cinema para o México

Muito se tem falado ultimamente desta artista da Rádio, que tão brilhante jornada artística realizou em Espanha, onde actuou com a orquestra «Caravana» (portuguesa), «Porteña» (argentina) e uma outra orquestra espanhola.

O seu triunfo foi completo; e, assim, os contratos choveram. Era de Espanha, Argentina e até do México, todos a queriam ver trabalhar.

A artista portuguesa, sempre trabalhando por uma arte que tanto a animou, não se enviaeceu com os melhores elogios que a Imprensa espanhola lhe teceu nem tão pouco com os aplausos que o público lhe tribuiu.

Maria Dorotea foi uma artista que soube honrar e respeitar a arte em terras de além-fronteiras.

Presentemente encontra-se entre nós, onde veio para descansar um pouco, a fim de em seguida, se fazer de abalada novamente para Espanha — onde tem contratos vantajosos para fazer gravações das nossas canções e de números de sabor regional espanhol — ou ainda para o México, terra dos seus sonhos, que lhe oferece a perspectiva de ir trabalhar para o cinema — segundo proposta que lhe foi feita em Barcelona por um categorizado capitalista estrangeiro.

A partida de Maria Dorotea se por um lado nos enche de alegria, pelo motivo dos seus constantes triunfos em Espanha, por outro entristece-nos por termos de assistir à partida de mais um dos poucos valores com que podíamos contar para a boa execução dos números do nosso folclore.

Oxalá que Dorotea seja feliz na nova jornada que vai empreender pela América do Sul, terras de sonho, de beleza e de arte que tanto está seduzindo os artistas de todo o mundo.

O primeiro desastre em caminho de ferro

FOI a 15 de Setembro de 1830 que ocorreu o primeiro desastre em caminhos de ferro, de que há registo. Nesse dia inaugurava-se a linha de Manchester a Liverpool, a primeira em que eram transportados viajantes.

A festa assistiam o duque de Wellington, sir Robert Peel e mr. Huskisson, antigo colega de William Pitt, o famoso adversário de Napoleão I.

A locomotiva que rebocava o comboio chama-se «Foguet». Enquanto a locomotiva estava tomando água, mr. Huskisson desceu à linha para ver o efeito que produzia o comboio. Quando a máquina voltava para se colocar na testa do comboio, seguindo uma linha de desvio, mr. Huskisson, que a não viu aproximar-se, foi colhido por ela e arremessado a distância, com uma perna esmagada, falecendo algumas horas mais tarde.

Como é natural, o acidente causou uma grande emoção e todas as festas que se preparavam para solenizar a inauguração deixaram de realizar-se.

O duque de Wellington ficou tão impressionado que se recusou, terminantemente, a viajar de comboio durante treze anos. Só em 1843 voltou a fazer a sua primeira viagem de caminho de ferro, para se encontrar com a rainha Vitória, em Windsor.

M U S A

em férias

Epopeia humilde

*Homem do campo!
Eu te saúdo,
A ti
E a toda a terra
Que revolve
E cultivas,
Com alegria,
Gretado
Pelos ventos do Nordeste,
Tostado
Pelo sol do meio-dia!*

*Homem do campo!
Eu saúdo
Em ti:
O trabalho
Honrado e persistente,
Que às cidades
Do vício e do prazer,
Desdenhosas dele,
Levas indiferente,
O pão para comer!*

*Homem do campo!
Tu na charrua tens
O teu tesouro,
E por flor do teu jardim
O trigo louro...*

JOAO PATRICIO

Ri, palhaço, ri!...

... quantas vezes o
palhaço tem vontade
de chorar...

ajusta-se tão perfeitamente à vida irónica dos historiões de todos os tempos que nunca fica mal repeti-la, aos outros, ou a nós próprios, quando a tristeza se aproxima e é forçoso demonstrar uma alegria que não sentimos.

Em tempos não muito distantes os palhaços desempenhavam outros papéis; parte nos «vaudeilles», nas representações de «music-hall» e, até, entravam no desempenho de comédias e dramas, quando os autores os chamavam a capiti.

Falstaff, a muitos respeitos considerado um dos maiores palhaços de todas as épocas, não foi, na rigorosa expressão da palavra, um palhaço cem por cento. E outro tanto podemos dizer de Will Rogers.

Charles Chaplin, com tantas e tão fantásticas semelhanças com Grimaldi, é um dos maiores historiões dos tempos modernos — o mais genial «faz-tudo» que o Mundo viu.

Note-se que a arte do palhaço pouco tem mudado através dos anos. As sortes de representação a que se prestam são quase sempre as mesmas.

Finge querer fazer o mesmo que fizeram os trapezistas, faz perguntas espertalhonas ao seu companheiro, propõe adivinhas ao senhor França e responde às que este lhe faz. E pouco mais. De todos os seus jeitos, trejeitos e palavras deve irromper o fluído da gargalhada irresistível. Não há cenários, nem contra-regra, nem ponto. O palco do palhaço é o circo, com o público a beber-lhe todos os gestos. Revela François França, nas suas magnéticas memórias a publicar em breve, que o engenho humano, tão



«Eles» aqui estão!

Os palhaços são a alma do circo! Sem eles, nunca houve empresário, que se lembrasse de formar companhia. Podem os cavalinhos não saltar, o prestidigitador ser trapalhãozão, as trapezistas assim-assim, pode todo o espectáculo não valer um pataco, mas, se os palhaços são de boa qualidade, a honra do circo está salvo.

PERDE-SE na poeira dos séculos a fotografia do primeiro palhaço. Há quem afirme em sanscrito (... e se o leitor conhece essa língua, tenha a bondade de verificar) que a Polichinelo se deve essa honra e glória. Os seus descendentes pouco têm mudado. Ainda Cristo não tinha nascido, já eles andavam de terra em terra, às cambalhotas, provocando as mais filosóficas considerações dos eruditos pensadores desses tempos.

O mais extraordinário palhaço que já houve neste Mundo chamava-se Grimaldi. Morreu há cento e tal anos; e dele se conta uma história que ficou célebre.

Grimaldi era um neurasténico, um incurável doente de tristeza. Quando limpava a cara, metia dó a si mesmo. Não comia, nem dormia; sempre cada vez mais triste. E Grimaldi tomou a resolução de consultar um dos mais célebres especialistas de doenças nervosas. O médico, que não sabia qual era a ocupação do seu consultante, ouviu-o com o maior cuidado; e, por fim, receitou-lhe como remédio infalível para fazer rir a bandeiras despregadas o mais sisudo bicho da terra, uma ida ao circo para ver... o próprio Grimaldi — o triste palhaço!

É possível que esta historietta não seja verdadeira; mas, ela



Uma, duas, três... e o rei das palhaçices está pronto para entrar em cena, com nariz e tudo

fecundo e variado ainda não inventou para os pobres palhaços mais do que duas dúzias de intermédios cómicos. É por essa razão que todos eles se defendem com os números musicais, de que tiram o máximo partido, para assim darem extensão aos programas que têm que desempenhar.

O fato dos palhaços vive ao sabor da imaginação do artista que

deles bem mereciam honrarias que nunca tiveram. Nem estátuas, nem condecorações, nem reformas chorudas.

O esquecimento espera-os, pachorrotamente sentado às portas da velhice. Quando morreu «Alex» (o famoso Alex, acrescentemos o adjectivo) o pobre «Rico» ficou aleijado para sempre — triste velhote de setenta anos que ainda na época passada, em plena pista do Coliseu, tentou repetir uma das maiores «trouvailles» do célebre duo: a tourada. Houve lágrimas nos olhos de muita gente. E o senhor França que nos não deixe mentir.

* * *

Entre nós o campo foi sempre de primeira ordem para um palhaço que se preze.

Whitoyne por um pouco não enriquecia com uma fantástica «Espanada dos Recreios, em pa-

pel pintado, que ele se lembrou de engendrar nos jardins do palácio Castelo Melhor. Bons tempos!... E Tony Grice, Joaquim Confeiteiro, Little Walter e a sua troupe, Pinta, Antonet, Irmãos Albanos, Porto — uma celebridade portuguesa—Pipo e Toniloff, Philip, Atalaias e tantos, tantos outros, cujos nomes nunca mais se esquecem?

O Coliseu dos Recreios — onde a chama circense não se apaga nunca — os que já desapareceram da Rua Nova da Palma e da entrada do Salitre, e mais modernamente o «Novo Circo», na Feira Popular, são outras tantas molduras onde os retratos dos palhaços vivem para todo o sempre, inundados pelas luzes dos holofotes e da nossa saudade — que é luz mais íntima, mas não menos brilhante.



Despeitável público: desta garrafinha vou tirar um elefante...



A «base» é... o «faz-tudo» — sempre ele...

o veste. No princípio foram simples andrajos, mas, quando apareceu o cetim fulgurante e as lanternações, tudo se modificou. As caricaturas variam também; a bel talante de quem as imagina.

«Pobres homens condenados às galés da alegria», disse algures um escritor entendido, muitos

Heroína duma grande tragédia

INDOMAVEL à tirania, sempre orgulhosa e digna na sua grande tragédia, conheceu todos os horrores dos sinistros campos de concentração, depois de ter perdido o marido, que os carascos de um desses infames reductos da morte assassinaram com sádicos requintes de crueldade. Percorreu o doloroso calvário de inenarráveis angústias, secaram-se-lhes os olhos de chorar tantas desditas, mas no seu coração de mulher, trasbordante de simpatia humana, palpitou sempre um nobre sentimento de ternura e solidariedade que lhe deu forças para resistir e amparar os companheiros de infortúnio. Entre outros infelizes que pôde salvar da morte, contam-se 65 crianças holandesas, vítimas de maus tratos no campo de concentração de Belsen.

É mrs. Sucher Frydrych, que em solteira se chamava Luba



Trzszynska. Ganhou, pela sua heroica e abnegada tarefa, o título de «Anjo de Belsen».

UM CASO ESTRANHO

LAUREN BACALL

EMANADA de Hollywood, recebemos esta notícia que tem foros de verdadeiro acontecimento: Lauren Bacall, que fez a sua estreia cinematográfica em «Ter ou não ter», vai abandonar a carreira artística para se consagrar inteiramente ao lar. Humphrey Bogart, o marido, ficou radiante com a decisão, pois entende que aquele é o melhor lugar para uma esposa dedicada. Outro motivo do seu júbilo assenta neste curioso facto: abandonando a vida agitada dos estúdios, Lauren poderá satisfazer um dos maiores encantos da sua vida: devotar-se à criação de galinhas.

A surpresa, provocada pela notícia, é tanto maior quanto é certo que nada fazia prever uma resolução tão inesperada, sobretudo depois da sua intervenção em «Agente confidencial», ao lado de Charles Boyer, e em «Dark Passage», que foi o último filme em que apareceu contracenando com o marido.

Com a saída da linda Lauren Bacall, o cinema americano perde, se dúvida, umas das suas mais elegantes e expressivas vedetas. Quem fica a ganhar, com o facto, é o seu simpático marido, que, agora, sempre que regressar ao lar, encontrará uma recepção mais carinhosa e terna.

A propósito da decisão de Lauren circular, em Hollywood, vários boatos. Um deles tenta insinuar que aquela vedeta não possui estôfo de comediante para largos vôos dramáticos e que o prestígio de que desfruta o deve, essencialmente, ao marido, que a tem imposto, para «partenaire» dos seus filmes, aos magnates da Warner Bros.

Seja como for, um facto se afirma incontestável: ambos são felizes, sobretudo ela, que logrou a invejável posição de ser uma das mais discutidas personalidades de Hollywood.

proclama que vai abandonar o cinema!... ~



Uma ave que se não aclimata à Europa

SE há aves horripilantes, como o «dicocero bicornio» e algumas de presa, outra há formosíssimas, como a «ave do paraíso», a «alira» e o pavão. Mas de todas, a mais bela pela sua plumagem policroma, duma extraordinária riqueza de cores e de tons, é a chamada «Lofoforo esplendente», mais brilhante que o faisão dourado e mais sumptuosa que o pavão.

Seu nome, derivado do grego (lofos, penhacho, e foros, portador) é bem justificado, pois ostenta, no

alto da cabeça, uma poupa ou penhacho, composto por 18 plumas dum verde dourado. As plumas do pescoço são cor de púrpura, com reflexos de esmeralda e cintilações douradas. As das asas e do dorso são verde-douradas, nuancadas a vermelho, e a parte inferior do pescoço apresenta-se em carregado negro com reflexos metálicos. O círculo em volta dos olhos é purpúreo, as faces douradas, o bico amarelo e a cauda arruivada.

Encontra-se esta linda ave no

Tibet e, como a sua carne é deliciosa e suas penas são muito procuradas para exportação para a Europa, sofrem uma constante perseguição.

* * *

Tentativas feitas para aclimatar na Europa a formosa «Lofoforo esplendente» falharam, pois dos exemplares escolhidos para tal, uns morreram durante a viagem e outros, que chegaram vivos, foram atacados pela tísica, que os matou.



isto,
revolucio-
nou o
Brasil
em pêso

ZÉZÉ FONSECA

está apaixonada por

ANTÔNIO VILAR

ZÉZÉ Fonseca, a célebre vedeta da «Rádio Globo», do Rio de Janeiro, ao assistir, recentemente, à exibição do filme português «Camões», ficou verdadeiramente encantada com Antônio Vilar. E tão grande foi esse encanto, de tal forma a sua presença a prendeu, que se transformou em verdadeira paixão!

Mas sentir uma tão verdadeira paixão por Antônio Vilar e não a confessar ao simpático galã seria demasiadamente cruel para ela!

Mas que fazer? Escrever-lhe? Telefonar-lhe? Então, Zézé recebeu o caso de outra forma: gravou, em disco, uma declaração de amor e juntamente com uma fotografia, na qual traçou, também, uma apaixonante dedicatória, tudo enviou ao artista, por intermédio de Luís Piçarra, que há dias regressou do Brasil, como noutra lugar noticiamos.

¿O que
responderá
o popular
galã por-
tuguês?



este caso quase original na vida artística luso-brasileira e que será, a partir da sua pública divulgação (não o dividamos) o assunto n.º 1 das mesas dos «cafés» e dos estúdios cinematográficos e radiofônicos do nosso País — o cantor Luís Piçarra já cumpriu o que Zézé Fonseca lhe pediu.

Uma pergunta, no entanto, neste momento, nos ocorre: Que irá fazer, perante esta manifestação de amor de uma das mais populares atrizes brasileiras, o internacionalmente famoso Antônio Vilar?

A questão, simples à primeira vista, afigura-se-nos, no entanto, um tanto ou quanto complicada... E isto, sobretudo, porque já se anuncia, para muito breve, a vinda a Portugal da Zézé Fonseca — essa rapariga adorável que o Brasil viu nascer, a arte prendeu e que num destes últimos dias, ao assistir à exibição do filme português «Camões», ficou verdadeira e loucamente apaixonada pelo seu principal intérprete: o nosso compatriota Antônio Vilar!...

SEGUNDO informações que acabamos de colher — informações que, por enquanto, pouco vêm esclarecer

OS MELHORES ROMANCES POLICIAIS E DE AVENTURAS



A MASCARA DE DIMITRIOS

por Eric Ambler
1 vol. 12500

O MISTÉRIO DO PARQUE

por John Dickson Carr
1 vol. 10500

O RAPTO DE LADY ÚRSULA

por Frank Johnston
1 vol. 10500

UM LADRAO NA NOITE

por Carter Dickson
1 vol. 10500

E' facil distingui-los por esta marca --- a marca de uma colecção constituída exclusivamente por obras de escritores célebres, escolhidas entre as que maior êxito obtiveram no Mundo.

A' VENDA:

VIDAS PERIGOSAS

por Paul Cain
1 vol. 12500

O DEPOIMENTO FALSO

por E. Phillips Oppenheim
1 vol. 10500

O FUGITIVO DE DARTMOOR

por E. Phillips Oppenheim
1 vol. 10500

O MANUSCRITO ROUBADO

por Harry Stephen Keeler
1 vol. 12500

O MISTÉRIO DA AREIA VERMELHA

por John Dickson Carr
1 vol. 10500

O PRISIONEIRO DE GIBRALTAR

por Barry Perowne
1 vol. 10500

O PROCESSO ARCHIBALD CHALMERS

por Harry Stephen Keeler
1 vol. 15500

UM ROUBO NO EXPRESSO

por Edgar Wallace
1 vol. 12500

EDITORIAL - «SECULO»

41, RUA DO SECULO, 63 --- LISBOA